

## **A relação entre J.R.R. Tolkien e a natureza através de uma perspectiva ecocrítica**

### **The relationship between J.R.R. Tolkien and the nature through an ecocriticism perspective**

Patrícia Bergamaschi Maciel Pilon<sup>1</sup>  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

#### **Resumo**

Este artigo almeja desenvolver o conceito de ecocrítica e sua importância na atualidade através da vida de John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973), conhecido por J.R.R. Tolkien, considerado o “pai da literatura fantástica moderna”, importante escritor, professor universitário e filólogo britânico. Com as atuais discussões sobre a crise climática, ressalta-se como a literatura do autor é visionária e como a ecocrítica presente em sua obra é atemporal. A ecocrítica contribui para o debate contemporâneo sobre como viver em equilíbrio com a natureza e oferece apoio aos que querem discutir questões ambientais a partir dos mais diversos textos, como o presente artigo, que servirá de apoio a estudiosos e interessados em ecocrítica, literatura fantástica e na mitologia criada por John Ronald Reuel Tolkien. Para estes resultados, são utilizadas obras do próprio autor e de renomados pesquisadores, como Alpina Begossi, Eneida Maria de Souza, Greg Garrard, Hilda Gomes Dutra Magalhães, Humphrey Carpenter, Ida Alves e Michel Collot.

**Palavras-chave:** Ecocrítica. Literatura fantástica. J.R.R. Tolkien

#### **Abstract**

This article aims to develop the concept of ecocriticism and its importance today through the life of John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973), known as J.R.R. Tolkien, considered the “father of modern fantastic literature”, important writer, university professor and british philologist. With the current discussions about the climate crisis, it is highlighted how the author's literature is visionary and the ecocriticism present in his work is timeless. Ecocriticism contributes to the contemporary debate on how to live in balance with nature and offers support to those who want to discuss environmental issues from the most diverse texts, such as this article, which will support scholars and those interested in ecocriticism, fantastic literature and in the mythology created by John Ronald Reuel Tolkien. For these results, works by the author himself and renowned researchers are used, such as Alpina Begossi, Eneida Maria de Souza, Greg Garrard, Hilda Gomes Dutra Magalhães, Humphrey Carpenter, Ida Alves e Michel Collot.

**Keywords:** Ecocriticism. Fantastic literature. J.R.R. Tolkien

---

<sup>1</sup> Mestranda em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Bolsista CAPES. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-9867-1003>.

## Introdução

John Ronald Reuel Tolkien (J.R.R. Tolkien) nasceu em 3 de janeiro de 1892, na cidade de Bloemfontein, África do Sul. Filho mais velho de Arthur Reuel Tolkien e Mabel Suffield, perdeu seu pai com apenas 4 anos. Arthur estava com a saúde debilitada e permaneceu em Bloemfontein enquanto Mabel visitava os familiares em Birmingham, Inglaterra, com os filhos John e Hilary. Reuel faleceu após sofrer uma hemorragia séria, em 15 de fevereiro de 1896.

Segundo Carpenter (2018), Mabel permaneceu em Birmingham e passou por dificuldades financeiras, chegando ao mais baixo padrão de vida. Apesar disso, nunca deixou de se preocupar com a educação dos filhos, ensinou a eles tudo que pôde, sabia latim, francês e alemão, além de possuir talento artístico para desenho, pintura e música, pois tocava piano. Sem dúvida, foi a grande inspiração na vida de seu primogênito, que se tornou um grande autor e filólogo.

A representação da natureza na Terra-média, de Tolkien, contempla sua fauna, flora, seus habitantes e a relação entre eles, uma conexão que compõe a narrativa em seu *legendarium*, termo do latim que se refere a um conjunto de lendas, especialmente referentes à vida dos santos, e foi escolhido por Tolkien para se referir ao seu legado literário de fantasia, o universo mitológico da Terra-média.

As obras do *legendarium* refletem a visão do próprio autor sobre a importância da existência em harmonia com o mundo natural, evidenciada também no livro *J.R.R. Tolkien: uma biografia*, escrita pelo biógrafo Humphrey Carpenter.

Considerando que a *crítica biográfica*, até certo tempo, havia sido escanteada do bojo da análise literária, e que, na abordagem contemporânea, ela retorna como estratégia de posicionamento frente à leitura de uma obra, ou seja, como ponto de referência para elucidar relações possíveis entre vida do autor-literatura ou realidade-ficção, Eneida Maria de Souza (2002) ressalta em suas “Notas sobre a crítica biográfica”:

A crítica biográfica, por sua natureza compósita, englobando a relação complexa entre obra e autor, possibilita a interpretação da literatura além de seus limites intrínsecos e exclusivos, por meio da construção de pontes metafóricas entre o fato e a ficção (Souza, 2002, p. 105).

De acordo com Garrard (2006), autor do livro *Ecocrítica*, este conceito ganhou força em 1992, quando foi fundada a *Association for the Study of Literature and Environment – ASLE* (Associação para o Estudo de Literatura e Meio Ambiente), nos Estados Unidos. Na língua inglesa, é chamado de *ecocriticism*. O autor afirma que os ecocríticos costumam relacionar as suas análises culturais a um projeto moral e político “verde”, visto que o termo representa a interseção entre a crítica ambiental e os estudos literários.

Mediante a necessidade de ações preventivas contra as mudanças climáticas no mundo, a ecocrítica é um conceito de grande importância na atualidade, um ramo da teoria literária contemporânea que estuda a relação entre a literatura e o meio ambiente e que vê a natureza como centro dos interesses humanos.

## Ecocrítica e a literatura

A ecocrítica contribui para o debate contemporâneo sobre como viver em equilíbrio com a natureza e oferece apoio aos que querem discutir questões ambientais a partir dos mais diversos textos.

O que é ecocrítica, então? Dito em termos simples, a ecocrítica é o estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico. Assim como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente dos gêneros, e a crítica marxista traz para sua interpretação dos textos uma consciência dos modos de produção e das classes econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrada na Terra (Glotfelty *apud* Garrard, 2006, p. 14).

Garrard (2006) cita que Kerridge define que um escritor ecocrítico tem como objetivo rastrear as ideias e representações ambientalistas onde quer que elas apareçam, para, dessa forma, enxergar com mais clareza um debate que parece vir ocorrendo, amiúde parcialmente encoberto, em inúmeros espaços culturais. Mais do que tudo, a ecocrítica procura avaliar os textos e suas ideias em termos de coerência e utilidade como respostas à crise ambiental.

Alpina Begossi, importante pesquisadora brasileira da área, ressaltou que o debate sobre o que deve ser a ecologia humana ainda persiste:

Apesar da ecologia humana se basear em conceitos oriundos da ecologia, ou seja, de uma das subáreas da biologia, a ecologia humana, não é necessariamente vista como uma das ramificações da ecologia. Para muitos, estudar a “relação do homem com o ambiente” inclui tantos outros fatores (como econômicos, sociais, psicológicos) que a ecologia humana transcende a ecologia. Para outros, a ecologia humana tem objetivos e metodologias mais específicos e que incluem entender o comportamento humano sob variáveis ambientais. Para estes, generalizar acerca da ecologia humana implica em perda de precisão (Begossi, 1993, p. 2).

Begossi (1993) afirma que, para compreender a relação do homem com a natureza, é preciso conhecer ambos, e os conceitos e modelos analíticos de ecologia trazem uma contribuição para o entendimento da natureza e da relação entre as populações humanas.

A autora apresenta o que é a ecologia humana “dentro da ecologia”, dividindo-a em três partes: de sistemas (em que os ciclos de nutrientes e fluxos de energia transformam as diversas partes do planeta interligadas); evolutiva (o sucesso da reprodução de um organismo é fundamental para compreender a relação organismo/ambiente, porque é determinado pelo *status* do organismo dentro de sua população, pelas associações interespecíficas deste e pela comunidade em que este se encontra); e aplicada (relaciona o crescimento da população com deterioração ou escassez de recursos a nível mundial).

O autor francês Michel Collot fala da importância da conscientização da existência de uma crise climática e de como a paisagem da Terra foi afetada ao longo dos séculos:

Contudo, esse progresso indiscutível do qual somos herdeiros e beneficiários tem também seus reveses, que apareceram, de maneira mais clara, ao longo do último século. Ele levou ao esgotamento dos recursos naturais e à desfiguração da face da Terra, engendrada pela poluição industrial e por uma urbanização maciça. As tecnologias modernas e os 25 imperativos econômicos impuseram, de uma ponta a outra do planeta, o mesmo estilo de construção padronizada, desprezando as soluções engenhosas e harmoniosas que cada povo havia inventado para conciliar as exigências do habitat humano e a preservação do equilíbrio natural (Collot, 2013, p. 44).

Alves (2015) conclui que a relação entre homem e paisagem nas obras literárias torna impossível evitar questionamentos em torno das intervenções no meio ambiente, provenientes da industrialização maciça e exploração desequilibrada dos recursos naturais, pauta atualíssima para todos os que se preocupam com a sobrevivência do mundo e sua habitação sustentável:

Frente a essas preocupações, não surpreende a afirmação cada vez mais forte de uma ciência do meio ambiente, a ecologia, e seu diálogo com diferentes áreas de pensamento em busca de novos paradigmas de existência que possam deter o esgotamento dos recursos naturais e transformar as relações de habitação, ocupação e exploração dos espaços naturais. Diante disso, a paisagem tornou-se um tema de relevância, o que se vê, por exemplo, em diferentes estudos de geografia humanista e cultural desenvolvidos em diversos centros de investigação nas Américas, Europa e Ásia (Alves, 2015, p. 29).

Alves e Antunes (2023) refletem sobre como o homem era dominado pela natureza em sua origem e, à medida que ocorrem as revoluções científicas, industriais e sociais, este se julga ser superior a ela, pensando possuir controle e domínio sobre o mundo natural que o cerca. Esse pensamento faz com que comece a realizar transformações complexas no meio ambiente e nas formas de vida que nele estão inseridas, algo que gera um grande impacto sobre os sistemas naturais e as condições cotidianas, concomitantemente à consolidação do sistema capitalista. Nesse contexto, a ciência moderna aparece como uma dimensão ontológica que é responsável pela separação crítica entre homem e natureza, entre seres humanos e outros seres, suprimindo a relação homem-natureza, que tem presença na literatura desde a antiguidade.

Finalmente, a ecocrítica pode contribuir para conferir mais rigor à abordagem do literário, mas também mais leveza, uma vez que os estudos ambientais da atualidade nos ensinam que não há abordagens certas ou erradas, ultrapassadas ou não ultrapassadas, mas simplesmente abordagens. No grande tabuleiro holográfico em que o paradigma ecoambiental situa seus objetos de estudo e no qual a ecocrítica insere o texto literário, uma das mais acabadas metáforas da Teoria da Complexidade, tudo pode ser atualizado, nenhuma abordagem é melhor ou pior, mas todas participam, enquanto possibilidades, na construção de sentidos e na emergência da fruição. É possível que tais saberes possam contribuir para resgatar o texto literário das várias redomas em que se acha preso no cotidiano da escola, libertando-o para ser o que é ou o que pode

ser, transformando o ato de ler num processo vivo, dinâmico e pleno de prazer (Magalhães; Pinto, 2013, p. 48).

Conforme Silva (2021), a escrita de textos com fragmentos predominantemente ambientais aponta para um autor que possui sensibilidade ecológica. A leitura do espaço, paisagem e região realizada no ato da escrita da obra sugere um reflexo imaginativo e crítico da percepção do ambiente físico. O autor passa a ser um leitor que capta as nuances da natureza viva que o cerca antes do texto ganhar uma “vida concreta”. Esse escritor pode fornecer uma resposta às diversas crises ambientais através de suas ideias, críticas e percepções traduzidas pela linguagem. Esse autor torna-se um ecocrítico ao redigir a sua obra, pois assume uma visão ambientalista e ecológica frente à inscrição e à materialização do texto. Além disso, como leitor do ambiente amplifica e reorganiza os sentidos do que é tido como “natural” em seu imaginário crítico-sensível. Essas significações retiram esses ambientes de uma dominação que almeja domesticá-los, da mesma maneira que os liberta de significados ausentes de vida.

Segundo Brugioni e Melo (2022), entre os estudos literários contemporâneos, a ecocrítica se sobressai, principalmente no que tange ao campo da literatura comparada, da reflexão pós-colonial e do debate sobre a literatura mundial, entretanto, é uma perspectiva teórica e analítica ainda pouco consolidada no Brasil, sobretudo no âmbito da teoria e da crítica literárias. Esse ramo da crítica observa o impacto dos seres humanos em suas diversas subjetividades no meio ambiente, a ser compreendido o meio entre pessoas, animais e a natureza, que se configura como um tema e um problema também literários e oferece a possibilidade de se (re)definir a literatura (estéticas, formas e gêneros), assim como seus paradigmas críticos e conceituais, a partir de uma perspectiva ecoambientalista.

## Tolkien e a natureza

Tolkien viveu grande parte de sua infância na zona rural de Birmingham, no vilarejo de Sarehole. Essa foi uma das épocas mais felizes de sua vida, ele e seu irmão faziam expedições até o moinho de Sarehole para observarem a roda-d'água e subiam em árvores:

Era também um bom desenhista, principalmente quando o tema era paisagem ou árvore. A mãe lhe ensinou um bocado de botânica, ele foi receptivo e logo ficou bastante versado no assunto. Mas, também nesse caso, ele estava mais interessado na forma e na textura das plantas que em seus detalhes botânicos, especialmente no que dizia respeito a árvores. E, apesar de gostar de desenhar árvores, gostava mais ainda de estar *com* árvores. Subia nelas, encostava-se nelas e até falava com elas (Carpenter, 2018, p. 35).

Carpenter (2018) cita um incidente em particular que permaneceu em sua memória, o dia em que um salgueiro em que costumava subir na margem do lago do moinho foi arrancado de lá, simplesmente o cortaram e deixaram-no jogado, como se não tivesse utilidade nenhuma.

A saúde de sua mãe, Mabel, começou a se deteriorar em 1904. Ela entrou em coma diabético e faleceu em 14 de novembro do mesmo ano, deixando para os filhos um exemplo de dedicação e fé. Os anos se passaram e o contato de John e Hilary e com o padre Francis Morgan, que sempre ajudou a família, permaneceu. Este zelava sempre pelos estudos dos meninos, então proibiu Tolkien de se encontrar com a garota por quem se apaixonou na juventude, Edith Bratt, para que ele se dedicasse aos estudos e conseguisse uma bolsa na Universidade de Oxford. Ele a obtém em 1911, ano em que inicia seus estudos.

Ao deixar a King Edward's School, Tolkien se despediu de grandes amigos que marcaram sua vida. Eles faziam parte do *Tea Club and Barrovian Society*, reuniam-se na Barrow's Stores para realizar leituras deles próprios e de outros autores. Mantiveram contato até a Primeira Guerra Mundial, com início em 1914, na qual todos lutaram e apenas Tolkien e mais um amigo, Christopher Wiseman, sobreviveram.

Muitos leitores relacionam sua participação na guerra à “Guerra do Anel”, presente na obra *O Senhor dos Anéis*. Contudo, o autor discorda e diz que não lhe agrada a alegoria:

Mas eu detesto cordialmente a alegoria em todas as suas manifestações e sempre a detestei desde que me tornei bastante velho e cauteloso para detectar sua presença. Prefiro muito a história, verdadeira ou inventada, com sua variada aplicabilidade ao pensamento e à experiência dos leitores. Creio que muitos confundem “aplicabilidade” com “alegoria”; mas uma reside na liberdade do leitor, e a outra, na dominação proposital do autor (Tolkien, 2019, p. 34).

As amizades foram marcantes na vida de Tolkien. Em Oxford, uma grande influência foi o Professor Joseph Wright, de Filologia Comparada, que se impressionou com o material das línguas criadas pelo aluno, percebendo que ele possuía um dom.

Como professor, Wright transmitiu a Tolkien o seu enorme entusiasmo pela filologia, o assunto que o tirara da obscuridade miserável. Wright sempre foi um professor exigente e era exatamente disso que Tolkien precisava. Com sua ampla gama de conhecimentos linguísticos, ele começou a sentir-se pouco superior aos seus colegas classicistas (Carpenter, 2018, p. 82-83).

Outro amigo marcante que contribuiu para que Tolkien prosseguisse com a criação de sua mitologia foi o autor Clive Staples Lewis, conhecido por C. S. Lewis. Apesar dos altos e baixos da amizade, “Tollers” e “Jack” tiveram importantes contribuições literárias durante seus encontros com “Os Inklings”:

Os Inklings hoje são parte da história da literatura e já se escreveu muita coisa sobre eles, a maior parte em um tom excessivamente solene. Não era nada mais (e nada menos) que um grupo de amigos, homens, cristãos, a maioria dos quais se interessava por literatura (Carpenter, 2018, p. 205).

Tolkien reencontra Edith, seu grande amor, eles se casam em 22 de março de 1916 e têm quatro filhos: John Francis, Michael Hilary, Christopher John e Priscilla Anne. Com contas para pagar e provas para corrigir, após tornar-se Professor de Língua e Literatura

Inglesa em Oxford, Tolkien leva cada vez mais tempo para conseguir dedicar-se ao seu legado.

*O Hobbit* foi publicado em 21 de setembro de 1937, pela editora George Allen & Unwin de Londres, na Inglaterra. Sobre a obra, Tolkien declarou: “Em uma folha em branco, rabisquei: ‘Numa toca no chão vivia um hobbit’. Não sabia e não sei por quê.” Sua primeira edição esgotou no Natal e não tardou para que Stanley Unwin, responsável pela editora, pedisse uma continuação para a história.

Tolkien levou doze anos para escrever *O Senhor dos Anéis*, quando concluiu, não estava longe do seu sexagésimo aniversário. Após alguns desentendimentos com a editora, sendo um deles o fato de Tolkien exigir um volume único para a história e não uma divisão em três (como acabou ocorrendo), *O Senhor dos Anéis* teve seu primeiro volume publicado em 29 de julho de 1954, mais de dezesseis anos após o início da escrita do livro.

Tolkien faleceu em 2 de setembro de 1973, aos 81 anos de idade, deixando um grande legado e leitores encantados por sua obra de fantasia em todo o mundo.

A Fantasia é uma atividade natural humana. Ela certamente não destrói ou mesmo insulta a Razão; e não torna menos aguçado o apetite pela verdade científica, nem obscurece a percepção dela. Ao contrário. Quanto mais aguçada e clara a razão, melhor fantasia fará (Tolkien, 2020, p. 63).

Com as atuais discussões sobre sustentabilidade e aquecimento global, a oportunidade de explorar na literatura tolkieniana questões que se refletem na sociedade atual mostra como Tolkien é crítico e visionário. Os leitores, amantes da fantasia, podem visualizar, através de suas obras literárias de fantasia, o retrato e as necessidades do mundo de hoje.

Dickerson e Evans (2006) explicam que não somente o mundo vivo importa na ecologia de Tolkien, mas também montanhas, estrelas, mares, ventos. Esses elementos naturais estão diretamente relacionados aos Valar, governantes divinos, que têm suas personalidades e poderes relacionados aos diferentes elementos da natureza. A criação da natureza na Terra-média é feita por Yavanna, a Provedora de Frutos, assim descrita em *Silmarillion*:

Então as sementes que Yavanna semeara principiaram rapidamente a brotar e medrar, e assim surgiu uma multidão de coisas que cresciam, grandes e pequenas, musgos e relva e grandes avencas e árvores cujos dosséis estavam coroados com nuvem, como se elas fossem montanhas vivas, mas cujas raízes estavam envoltas em um crepúsculo verde (Tolkien, 2019, p. 64).

Em 1958, Tolkien fez um animado discurso e concluiu da seguinte maneira:

[...] que faz agora exatamente 20 anos que comeci com seriedade a completar a história dos nossos venerados ancestrais hobbits da Terceira Era. Olho para leste, oeste, norte e sul e não vejo Sauron; mas vejo que Saruman tem muitos descendentes. Nós, Hobbits, não temos armas

mágicas contra eles. No entanto, meus gentis-hobbits, façam-lhes este brinde: aos Hobbits. Que eles perdurem além dos Sarumans e vejam outra vez a primavera nas árvores (Tolkien *apud* Carpenter, 2018, p. 307-308).

Ele não era insensível ao seu ambiente, a destruição da paisagem pelo homem o deixava furioso. Uma angustiada descrição de como voltou à paisagem de infância no moinho de Sarehole, em 1933, foi retirada do seu diário:

Omito a aflição que senti ao passar por Hall Green – que se tornou um enorme subúrbio dominado por bondes e sem significado, onde cheguei a me perder – e pelo que restou das queridas alamedas da infância, e até mesmo pelo portão do nosso chalé, agora rodeado por um mar de tijolos vermelhos. O velho moinho ainda está de pé e a casa da Sra. Hunt ainda avança até a Estrada, no trecho em que esta sobe a colina, mas a encruzilhada além da Lagoa, agora cercada, o lugar em que se encontravam a alameda onde cresciam campainhas e a alameda que dava no moinho é agora um cruzamento perigoso, cheio de automóveis e semáforos vermelhos. A casa do Ogro Branco (que as crianças estavam animadas para ver) tornou-se um posto de gasolina e a maior parte da Short Avenue e dos olmos entre ela e a encruzilhada desapareceu. Como invejo aqueles que não tiveram a preciosa paisagem da infância exposta a uma alteração tão violenta e particularmente hedionda (Tolkien *apud* Carpenter, 2018, p. 172-173).

Nessa altura, Tolkien já havia percebido os danos que o motor de combustão interna e as novas estradas causavam à paisagem e, depois da Segunda Guerra Mundial, não comprou outro carro e nem voltou a dirigir.

A ênfase do escritor na proteção da paisagem natural implícita em sua vida e obra e seu posicionamento contrário à destruição provocada pela sociedade industrial se harmonizaram com o crescente movimento ecológico da época em que *O Senhor dos Anéis* foi publicado. A história da missão de Frodo com o Anel fez tanto sucesso entre os jovens norte-americanos, que foram criados *slogans* como “Frodo vive”, “Gandalf para presidente” e “Venha para a Terra-média”. Os fãs organizaram “piqueniques de hobbits” e se vestiam como personagens da história. Muitas canções de rock dos anos 60 e 70 também foram inspiradas pela obra, como “*Ramble on*”, “*Misty Mountain Hop*” e “*The Battle of Evermore*”, do grupo Led Zeppelin, “*The Wizard*”, do Black Sabbath e “*Rivendell*” e “*The Necromancer*”, do Rush.

As vendas dos três volumes que compõem a obra continuavam aumentando, chegando a aproximadamente três milhões de exemplares vendidos no final de 1968, em todo o mundo, além das numerosas traduções feitas em vários idiomas, conforme afirma Carpenter (2018).

O autor J. R. R. Tolkien faz uma crítica à industrialização desenfreada em sua obra-prima “*O Senhor dos Anéis*”, através da figura de Saruman e dos orques, que desmatam as florestas em busca do aumento de seu poder, perpetuando ódio e destruição. Em contraposição, existem as figuras dos ents, conhecidos como pastores de árvores, uma raça antiga que habita a Floresta de Fangorn e vive em harmonia com o mundo natural, equilíbrio essencial à sobrevivência das espécies.

Barbárvore, um ent, é o ser que expressa o amor e o respeito de Tolkien pelas árvores. O autor se inspirou na voz retumbante do amigo C. S. Lewis para criar os sons emitidos pelo ent ao falar, como “*Hrum, Hroom*”:

Barbárvore ribombou por um momento, como se pronunciasse alguma maldição entesca profunda e subterrânea. “Algum tempo atrás comecei a me perguntar como os Orques ousavam passar tão livremente por minhas matas”, prosseguiu ele. “Só ultimamente percebi que a culpa era de Saruman, e que há muito ele estivera espionando todos os caminhos e descobrindo meus segredos. Ele e sua gente imunda estão produzindo devastação agora. Lá nas bordas estão derrubando árvores – boas árvores. Algumas das árvores, eles simplesmente abatem e deixam apodrecer — isso é injúria de Orque; mas a maioria é picada e levada para alimentar os fogos de Orthanc. Sempre há fumaça subindo de Isengard nestes dias (Tolkien, 2019, p. 703).

Na terra sombria de Mordor existe a paisagem que pode ser considerada a realidade de toda a Terra-média, a qual remete ao futuro do planeta Terra, caso nada seja feito pelos governantes perante a crise climática.

Frodo e Sam observaram aquela terra odiosa com uma mistura de abominação e espanto. Entre eles e a montanha fumegante, e em volta dela ao norte e ao sul, tudo parecia arruinado e morto, um deserto queimado e estrangulado (Tolkien, 2019, p. 1323).

Em oposição, vemos a beleza da natureza na descrição da Floresta de Lothlórien, que será preservada com o triunfo do bem sobre o mal:

“Ali ficam as florestas de Lothlórien!”, disse Legolas. É a mais bela dentre todas as moradas de meu povo. Não há árvores como as árvores dessa terra. Pois no outono suas folhas não caem, mas se transformam em ouro. Só caem quando vem a primavera e o verde novo se abre, e então os ramos ficam carregados de flores amarelas; e o chão da floresta é dourado, e dourado é o teto, e suas colunas são de prata, pois a casca das árvores é lisa e cinzenta (Tolkien, 2019, p. 475-476).

A ecocrítica contribui para o debate contemporâneo sobre como viver em equilíbrio com a natureza e oferece apoio aos que querem discutir questões ambientais a partir dos mais diversos textos, como este artigo, que analisa o conceito na vida e obra do professor J. R. R. Tolkien.

Desse modo, o presente trabalho servirá de apoio para estudiosos da ecocrítica, da mitologia criada por John Ronald Reuel Tolkien e para todos os admiradores de suas lendárias histórias ao redor do mundo.

**Referências**

ALVES, I. Paisagem, aceleração e poesia por uma geografia das emoções. **Revista de Letras**, Fortaleza-CE, v. 1, n. 34, p. 27-38, 2015.

ALVES, I.; ANTUNES, S. L. M. Literatura, natureza e compromisso ético: olhares ecocríticos. **Gragoatá**, Niterói-RJ, v. 28, n. 61, p. 1-8, 2023.

BEGOSSI, A. Ecologia Humana: Um Enfoque Das Relações Homem-Ambiente. **Interciência**, Caracas (Venezuela), v. 18, n. 3, p. 121-132, 1993.

BRUGIONI, E.; MELO, A. C. Ecocrítica(s). Literatura e Colapso Ambiental. **Remate de Males**, Campinas-SP, v. 42, n. 2, p. 254-259, 2022.

CARPENTER, H. **J.R.R. Tolkien: uma biografia**. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018.

COLLOT, M. **Poética e filosofia da paisagem**. Tradução de Ida Alves e outros. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

DICKERSON, M.; EVANS, J. **Ents, Elves, and Eriador: The Environmental Vision of J.R.R. Tolkien**. Kentucky: The University Press of Kentucky, 2006.

GARRARD, G. **Ecocrítica**. Tradução: Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

MAGALHÃES, H. G. D.; PINTO, F. N. P. Contribuição da ecocrítica ao ensino de literatura. **Litterata: Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões**, Ilhéus-BA, v. 3, n. 1, p. 36-49, 2013.

SILVA, D. R. Leituras ecocríticas a partir das textualidades poéticas contemporâneas. **Congresso Latino-americano de gênero e religião, Anais [...]**, São Leopoldo-RS, v. 7, gt. 9, p. 129-138, 2021.

SOUZA, E. M. **Crítica cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

TOLKIEN, J. R. R. **Árvore e folha**. Tradução de Reinaldo José Lopes. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis: a sociedade do anel**. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2019.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis: as duas torres**. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2019.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis: o retorno do rei**. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2019.

TOLKIEN, J. R. R. **O Silmarillion**. Edição de Christopher Tolkien. Tradução de Reinaldo José Lopes. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2019.